



# GRUPOS SEMEADORES DE ESPERANÇA 2

Levantar-se e multiplicar a Esperança



# GRUPOS SEMEADORES DE ESPERANÇA 2

Levantar-se e multiplicar a Esperança



## **CRESCER EM GRUPO**

Nos nossos últimos programas pastorais, temos vindo a propor um itinerário de conversão para assumirmos a nossa identidade cristã. A redescoberta do Batismo deverá levar-nos a uma consciência missionária, dentro da Igreja e no mundo.

Queremos aprofundar as exigências do discipulado que brotam sempre do encontro com Cristo e que se manifestam no nosso ser missionários. Somos batizados e enviados, atraídos e desafiados a sair: discípulos felizes e missionários responsáveis. Não podemos separar estas duas realidades, tanto na experiência individual como na comunitária.

Importa, por isso, trabalhar a missão. Fazê-lo por meio da reflexão pessoal e pela comunhão em grupo, sem nos contentarmos apenas com elaborações teóricas e abstratas. Precisamos de testemunhos que mostrem como agir. Daí a importância de, no encontro com a Palavra de Deus, privilegiarmos a experiência que os Atos dos Apóstolos nos reportam. Através desta obra de S. Lucas, compreenderemos as diferentes dimensões deste único encargo – deixado por Cristo – e verificaremos que ele é um caminho viável, tal como foi outrora para as comunidades primitivas.

A elaboração destes subsídios visa criar as condições favoráveis para a reflexão e oração a partir da Palavra de Deus. A partilha que se faz no grupo deve conduzir ao compromisso. Em pequena comunidade, crescemos no conhecimento mútuo e ousamos projetos para a vida pessoal e familiar, bem como para a conveniente inserção no dinamismo da vida paroquial e na vida social e cultural. Não se trata de considerações meramente

espirituais ou doutrinários. Tudo se orienta para a renovação da Igreja que se realiza por meio de pessoas constantemente convertidas à alegria e à fecundidade do Evangelho. Como nunca, o Espírito Santo alerta-nos para esta urgência pois as interpelações e os desafios são imensos.

Não procuramos somente estratégias para dinamizar as comunidades com iniciativas pastorais. Abrimo-nos à novidade que Deus quer trazer à pastoral ordinária.

No grupo experimentamos a presença de Jesus que continua a instruir os seus discípulos e a enviá-los em missões a serem discernidas pessoalmente. Os apóstolos e os primeiros cristãos partiram com alegria e não se detiveram perante as dificuldades. Num mundo adverso, foram capazes de construir comunidades dinâmicas e felizes que, por si mesmas, anunciavam o Evangelho.

Temos vindo a propor muitas iniciativas. Todas elas com valor. Mas, no essencial, só os grupos permitem a assimilação da Palavra e motivam a levá-la ao coração da sociedade. Uma ideia me acompanha desde o primeiro dia em que Deus me constituiu na missão de arcebispo: o princípio da unidade arquidiocesana. Se me perguntarem o que gostaria de deixar como legado, respondo espontaneamente e com convicção: o dinamismo de grupos da Palavra em todas as comunidades. Na verdade, a personalização da fé passa por aqui e só esta opção gera discípulos capazes de mostrar que vivemos para Deus e nos orgulhamos de testemunhar o que verdadeiramente motiva a vida dos cristãos. Acredito nesta força e, por isso, continuo a esperar que se multipliquem estes grupos numa rede que vai revitalizando as paróquias e, conseqüentemente, o tecido de toda a Arquidiocese. Penso que quanto maior for a paróquia, mais terá de multiplicar-se em pequenos grupos ao redor da Palavra de Deus.

Se os Grupos Semeadores de Esperança se destinam a todos os cristãos, de todas as idades e condições, neste ano pastoral queremos convidar especialmente os jovens. Que participem e animem grupos intergeracionais ou que formem grupos especificamente de jovens. Pode parecer que os jovens têm dificuldade em arranjar tempo para coisas sérias. Pessoalmente acredito que, sendo motivados, começarão a descobrir a beleza do discipulado e a alegria de se sentirem enviados aos mundos que caracterizam as suas vidas. Eles necessitam de algo que os desafie a ultrapassar um criticismo de rotina para entrar em caminhos de criatividade e encanto. Só a Palavra de Deus lhes abre novos horizontes e permite dar um sentido às suas vidas.

As comunidades devem sair ao encontro dos jovens, indo aos lugares onde se encontram para os convidar a algo que ainda não experimentaram. Serão eles, depois, a reconhecer que vale a pena estar juntos para sedimentar os alicerces da sua fé e projetá-los em percursos que ainda não trilharam. Os simples eventos não os satisfazem. Aceitam os desafios que em conjunto vão descobrindo.

Renovo o pedido para que trabalhemos a fé em grupos. Daremos, deste modo, consistência ao discipulado e mergulharemos em perspectivas diversificadas que a missão oferecerá. Que S. Bartolomeu dos Mártires nos conceda a alegria de ver os cristãos empenhados e comprometidos com ele e motivados pelo seu zelo e testemunho para a concretização da renovação inadiável da nossa Arquidiocese.

† *Jorge Ortiga*, Arcebispo Primaz

<b>Tema 1</b> “O novo tempo da missão” (At 1, 1-11) .....	<b>09</b>
<b>Tema 2</b> “Uma missão com desassombro” (At 4, 1-22) .....	<b>14</b>
<b>Tema 3</b> “Os fundamentos da missão: oração, testemunho e partilha” (At 4, 23-37) .....	<b>18</b>
<b>Tema 4</b> “A missão de Cristo inscrita no discípulo” (At 6, 1-15; 7, 54-60) .....	<b>22</b>
<b>Tema 5</b> “Uma missão para todos os povos” (At 11, 1-18) .....	<b>26</b>
<b>Tema 6</b> “A missão faz-se ao largo” (At 13, 1-12) .....	<b>30</b>
<b>Tema 7</b> “A missão entra em diálogo” (At 17, 16-34) .....	<b>34</b>
<b>PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-Sinodal Cristo Vive, dirigida aos jovens de todo o mundo</b> (Caps. 1 e 2) .....	<b>39</b>
<b>Frei Bernardo de Vasconcelos, modelo para os jovens</b> .....	<b>61</b>

**Primeiro tema:**  
**O novo tempo da missão**

(At 1, 1-11)

O livro dos Atos começa por evocar o evangelho de Lucas (“no meu primeiro livro...”) e retoma o seu final. Não admira, dado que ambos possuem o mesmo autor (Lucas) e o mesmo destinatário (Teófilo) e foram pensados como obra única ou, no mínimo, como duas obras em continuidade. Há, contudo, aspetos em que esta narrativa da Ascensão vai além da de Lc 24, 50-53, apontando para o futuro da Igreja, para o novo tempo da missão.

**Oração inicial**

**Senhor, vimos hoje pedir: ensina-nos a ver!... Ajuda-nos a compreender!...**

**Ensina-nos a ver e compreender que a Tua Ascensão não é uma despedida a lamentar, nem a espera dorida de um regresso, mas um passo num tempo novo.**

**Ensina-nos a ver para além dos nossos sítios e dos nossos conceitos; dos nossos gostos e da nossa comodidade; para além de nós...**

**Ensina-nos a ver com os Teus olhos, iluminados pelo Espírito que tudo anima.**

**Gostávamos, tantas vezes, de ficar de olhos postos nas nossas coisas, na nossa família e nos nossos amigos.**

**Gostávamos que o horizonte não tivesse nada do outro lado e de lá não chegassem vozes nem apelos.**

Gostávamos tanto de ver apenas o nosso pedaço de terra e céu: uma espécie de horta familiar trabalhada como entretenimento de fim-de-semana.

Gostávamos de olhares acomodados...

Mas o sossego preguiçoso, Senhor, não edifica a Tua Igreja, não testemunha, não corresponde ao vigor do Espírito derramado em nossos corações!...

Por isso Te pedimos, aqui e agora, a graça da inquietação, a impertinência saudável de quem não espera sentado, a coragem de fazer caminho e a sabedoria de andar sobre a terra incerta e remexida.

Amen!...

**Leitura do texto:** (At 1, 1-11)

### ***Questões para reflexão pessoal e partilha em grupo***

1. Partilhe um momento da vida em que sentimentos de culpa o paralisaram?
2. Houve algum momento em que a espera de toda a informação o impediu de agir?
3. Houve alguém que provocou o seu compromisso com uma causa eclesial ou social?

## ***Pistas para reflexão***

**1. O dom do Espírito precede o envio.** Durante a Paixão, todos fugiram e mesmo Pedro, que manifestara o seu ardor em defender Jesus (Lc 22, 33), o negou três vezes (Lc 22, 54-62). Uma tal falta de coragem e demonstração de cobardia poderia ter sido inibidora da missão posterior. O tempo que Jesus ressuscitado passa com os seus discípulos (as aparições pascais) serve para vencer essa culpabilidade inibidora. Os apóstolos sabiam que não eram perfeitos. Pedro aprendeu e aprenderá que o testemunho não é a proclamação de uma coragem tão espalhafatosa como inútil, mas é deixar-se guiar pela força do alto que torna possível a missão de testemunhar o Evangelho. Graças à presença do Ressuscitado, a recordação da falta de coragem, em vez de inibir os apóstolos, tornou-os dóceis ao dinamismo do Espírito Santo. É por isso que o dom do Espírito é anterior ao envio.

**2. Discípulos missionários.** Muitas vezes, antes de tomarmos decisões ou nos comprometermos com a missão, queremos estar na posse de todos os elementos e sinais que achamos necessários para tal. Não cantamos porque achamos que não sabemos cantar, não nos comprometemos na catequese porque julgamos não ter formação suficiente, não ajudamos alguém porque não estamos na posse de todos os elementos referentes aos seus rendimentos. Partir em missão implica aceitar uma parte de desconhecido. Os apóstolos queriam saber quando iria ser restaurado o reino de Israel. Nos Atos e nas Cartas de Paulo, muitas outras questões vão sendo colocadas e

resolvidas. Aceitar a missão que nos é confiada não implica estar na posse de todos os conhecimentos inerentes à mensagem que proclamamos. Os apóstolos não foram destinatários de um conhecimento que lhes estivesse reservado. Eles também transportavam questões por resolver. Ser missionário é anunciar com a força do Espírito da Verdade, mas é também aceitar progredir no aprofundamento da fé. Somos missionários, mas continuamos a ser discípulos.

**3. Olhos fixos no dom do Espírito e na missão.** Os Apóstolos ficam de olhos fixos no céu, ao ver Jesus na sua Ascensão. Estariam extasiados com o espetáculo ou esperavam uma ordem direta de Jesus? O texto não o diz. Contudo, a indicação de Jesus tinha sido bem explícita (At 1, 8). Estariam eles à espera da vinda do Espírito Santo imediatamente? Talvez ainda não tivessem compreendido o que Jesus tinha dito a Nicodemos “O Espírito sopra onde quer” (Jo 3, 8-21). É graças à intervenção de dois homens vestidos de branco que os olhos deixam de estar fixos no céu para passarem a estar fixos no dom do Espírito e na missão. Os dois homens vestidos de branco evocam os outros dois de trajes resplandecentes da manhã da ressurreição que disseram às mulheres: “Por que buscais o Vivente entre os mortos? Não está aqui; ressuscitou!” (Lc 24, 5-6).

### ***Questões para o compromisso***

1. Como vencer os fantasmas que me inibem de estar disponível para a missão?

2. Como não cair na desculpa da falta de informação para me esquivar do imperativo missionário?

3. Como vou responder aos desafios me impedem de ficar a olhar para o céu?

### **Para os jovens:**

Jovens, não renunciéis ao melhor da vossa juventude, não fiqueis a observar a vida da varanda. Não confundais a felicidade com um sofá nem passeis toda a vossa vida diante de um ecrã. Tampouco vos deveis converter no triste espetáculo de um veículo abandonado. Não sejais automóveis estacionados, mas deixai brotar os sonhos e tomai decisões. Ainda que vos enganeis, arriscaí. Não sobrevivais com a alma anestesiada, nem olheis o mundo como se fôsseis turistas. Fazei-vos ouvir! Lançai fora os medos que vos paralisam, para não vos tornardes jovens mumificados. Vivei! Entregai-vos ao melhor da vida! Abri as portas da gaiola e saí a voar! Por favor, não vos aposenteis antes do tempo (Francisco, Cristo Vive – CV- 143).

### **Canções:**

Tu que nas margens do lago

Nada te perturbe

Quem é que vai?

Segundo tema:  
**Uma missão com desassombro**

(At 4, 1-22)

Com a eleição de Matias (At 1, 15-26), o grupo dos Apóstolos refaz-se. A vinda do Espírito (At 2, 1-36) fortalece-os, a ponto de Pedro falar ao povo, com desassombro, por duas vezes (At 2, 16-36; 3, 12-28). Em virtude das suas palavras e procedimentos, Pedro e João são levados ao Sinédrio e metidos na prisão (At 4, 1-22). Adivinha-se uma missão complicada, mas com desassombro.

**Oração inicial**

Hoje, Senhor, parece um pouco insólito o pedido que se levanta do coração: **liberta-nos da adversativa. Sim, liberta-nos da palavra “mas”, usada como indisponibilidade e resistência.**

Quantas vezes a dissemos ou dizemos: **Seguir-Te-ei, *mas* deixa-me primeiro... *mas* mostra-me antes... *mas* garante-me que...**

A Tua palavra não nos basta, como se não fosses absolutamente fíavel. O Teu convite não nos alegra na ternura da escolha. O Teu amor não nos convence, ainda que afirmado na cruz. A Tua paixão não nos queima, exigindo a missão...

O nosso calculismo discute ganhos e perdas; a nossa resposta é um negócio; o nosso serviço são títulos encadernados – porque ser discípulos não nos preenche nem entusiasma.

Especializámo-nos em desculpas, enredámo-nos nos laços das nossas próprias armadilhas: o desinteresse, a rotina, a cobardia, o respeito humano.

Deixámos de ser de casa, porque nos bastam visitas esporádicas e festivas.

Ó Senhor do amor excessivo, perdoa os nossos medos e calculismos, concede-nos o dom da fortaleza e ensina-nos a amar!...

Amen!

**Leitura do texto** (At 4 , 1-22)

***Questões para reflexão pessoal e partilha em grupo***

1. Quais eram os meus medos de infância e como os ultrapassei?
2. Houve algum momento em que passei do medo à ousadia? O que levou a isso?
3. Alguma vez senti que a verdade era forte de mais para ser calada com ameaças?

***Pistas para reflexão***

**1. Espírito transformador.** Não se pode dizer que, antes do dom do Espírito, Pedro fosse o paradigma da coragem. Era um fanfarrão que sucumbia nos momentos críticos. Neste episódio, a sua coragem não é apenas verbal. Levado à presença das autoridades judaicas reunidas em plenário, acusa-os diretamente de terem morto o Messias. Por isso, é ameaçado e proibido de falar de Jesus. Todavia, nenhum destes expedientes, visando intimidá-lo, vence o seu desassombro. Esta audácia de Pedro contrasta com a falta dela por parte do Sinédrio que não age segundo o seu querer, com medo da reação popular.

**2. Deixar-se guiar pelo Espírito Santo.** A razão do desassombro de Pedro está no facto de falar “cheio do Espírito Santo”. Se falasse e agisse de forma calculista, procederia como o Sinédrio que não busca a verdade e o que é reto, mas o que convém, segundo as reações da multidão. Valorizando o facto de Pedro e João serem iletrados e plebeus, as autoridades judaicas julgavam segundo as aparências e não segundo o valor real do testemunho dos apóstolos. Eles sabem que não podem negar o sinal da cura e tentam encobrir a verdade com uma estratégia política. Cheio do Espírito Santo, Pedro ultrapassa todos os medos e não se enreda em estratégias. Um dos frutos do Espírito Santo é o temor de Deus, mas esse temor, como diz 1 Jo 4, 18, expulsa todo o medo que paralisa. A sabedoria é também um dom do Espírito que faz com que plebeus e iletrados espantem doutores da Lei e sumo-sacerdotes.

**3. Não podemos calar.** Quem vive na busca do compromisso, na arte de negociar tudo, inclusive a própria verdade, pensa que tudo se resolve com acoites, subornos, intimações, aprisionamentos ou ameaças de morte. Para quem sucumbiu plenamente a esta lógica mundana, a afirmação de Pedro parece insensata: “Julgai vós mesmos se é justo, diante de Deus, obedecer a vós primeiro do que a Deus. Quanto a nós, não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos” (vv. 19-20). Para quem paga a testemunhas para jurar falso, suborna os soldados que guardavam o sepulcro para mentirem, já sabe qual é a sentença antes do julgamento de Jesus, está disposto a qualquer negociata com o poder romano, manipula a multidão para obter uma sentença de morte, as palavras de Pedro são incompreensíveis.

## **Questões para o compromisso**

1. Que medos tenho de vencer para assumir a missão desassombadamente?
2. Como vencer o medo dos poderosos que me impede de testemunhar o Evangelho?
3. Que força me vem do facto de saber que sou testemunha da verdade?

### **Para os jovens:**

Não se pode esperar que a missão seja fácil e cómoda. Alguns jovens preferiram dar a própria vida a refrear o seu impulso missionário. Os bispos da Coreia escreveram: «Esperamos poder ser grãos de trigo e instrumentos para a salvação da humanidade, seguindo o exemplo dos mártires. Apesar da nossa fé ser tão pequena como um grão de mostarda, Deus fá-la-á crescer e utilizá-la-á como instrumento para a sua obra de salvação». Amigos, não espereis pelo dia de amanhã para colaborar na transformação do mundo com a vossa energia, audácia e criatividade. A vossa vida não é «entretanto»; vós sois o agora de Deus, que vos quer fecundos. Porque «é dando que se recebe», e a melhor maneira de preparar um bom futuro é viver bem o presente, com dedicação e generosidade. (Francisco, *Cristo Vive* – CV- 178).

### **Canções:**

Estrela polar  
Deus precisa de ti  
Eu por Ti

Terceiro tema:  
**Os fundamentos da missão: oração,  
testemunho e partilha**  
(At 4, 23-37)

A resposta aos perseguidores pode assumir formas e contornos diversos, de acordo com os sentimentos e as convicções dos perseguidos. Os Apóstolos escolheram a melhor: a oração, o testemunho público da fé e a partilha dos bens, seu testemunho prático. Não só estamos perante procedimentos basilares da fé como também perante formas concretas de a viver, exprimir e testemunhar.

**Oração inicial**

**A vontade do Pai faz-se.**

**Assim no-lo ensinaste, Senhor, quando nos ensinaste a rezar: «Pai, seja feita a Vossa vontade!»**

**As Tuas obras foram a Tua pregação e a pregação dos Teus apóstolos. A Tua doutrina tinha, por isso, a autoridade da coerência; e a vida da Igreja nascente entrava pelos olhos dentro dos pagãos, confrontados com o amor vivido e palpável...**

**Senhor, doem-Te, por certo, as nossas recitações decoradas, o nosso alheamento da vida do mundo, o individualismo da nossa fé ou o jeito consumista da nossa vida sacramental.**

**Purifica-nos, para que o dom da fé atue na caridade; para que sejamos diariamente companheiros dos homens do nosso tempo, comungando as suas alegrias, tristezas e esperanças; para que deixemos a distância**

defensiva e nos aproximemos de todos os caídos e marginalizados; para que deixemos de esperar e partamos ao encontro, com ombros disponíveis e o óleo do acolhimento e da misericórdia

Que a nossa vida pessoal e comunitária, Senhor, Te mostre vivo!...

Amen.

### ***Questões para reflexão pessoal e partilha em grupo***

1. Alguma vez procurei na oração a força para cumprir uma missão difícil?
2. A imagem que a Igreja dá de si própria é importante para a minha missão?
3. Qual dos valores evangélicos é mais difícil de ser testemunhado em comunidade?

### ***Pistas para reflexão***

**1. A oração e o Espírito.** Pedro e João têm a noção de que o que lhes acontece deve ser partilhado. A missão não é sua, mas de toda a Igreja. De seguida, a comunidade encontra na Sagrada Escritura a luz que ajuda a interpretar a experiência dos apóstolos diante do Sinédrio, vendo-a como um seguimento do que Jesus vivera. Assim se manifesta que “não está o discípulo acima do mestre” (Lc 6, 40). Da oração e da configuração a Jesus resulta uma infusão do Espírito Santo que gera nos restantes discípulos o mesmo desassombro que gerou em Pedro e João. Da partilha do seu

testemunho, da oração comum e da configuração a Jesus nasce a força da missão que é dom do Espírito Santo.

**2. A Palavra e a caridade.** O anúncio desassombrado da Palavra não se traduz em palavras e discursos, mas na vida concreta da caridade, dentro da própria Igreja. Se o desassombro no anúncio não se traduzir em obras na comunidade do enviado, não passa de retórica e efeitos de linguagem. Como escrevia Paulo, "ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou um címbalo que retine" (1 Co 13, 1). O testemunho da comunidade dá força ao anúncio do enviado em missão. O missionário precisa que a comunidade ilustre a Palavra que anuncia. Por isso, o ministro da Palavra é também o da caridade (At 4, 33) e o gesto de José, o levita cipriota, é tão eloquente como a palavra de Pedro. A riqueza que José deposita aos pés do Apóstolo é um gesto tão poderoso como o que Pedro diz ao aleijado. "Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho, isto te dou: Em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda!" (At 3, 6).

**3. A Palavra e o desassombro, frutos do Espírito.** Entre a Nova Lei e a Lei de Moisés apenas falta uma coisa (Lc 18, 22) que o chefe judeu foi incapaz de pôr em prática. Tal é pedido à comunidade cristã que vive na nova Lei do dom do Espírito. É-lhe pedido que faça com que "o camelo passe pelo buraco da agulha", ou seja, o impossível (Lc 18, 26). Diante desta impossibilidade, os primeiros cristãos recordam-se da palavra de Jesus: "O que é impossível aos homens é possível a Deus" (Lc 18, 27). Do mesmo modo que o desassombro é fruto do Espírito Santo, assim o é também a Palavra traduzida em obras.

## **Questões para o compromisso**

1. Tenho presente na minha prática de oração que a eficácia da missão está no abandono orante a Deus que a faz frutificar?
2. De que forma, na minha comunidade, sou missionário com palavras e obras?
3. Qual é a forma evangélica de lidar com os bens materiais que está de acordo com a palavra missionária?

### **Para os jovens:**

O Papa Francisco convida os jovens a imaginar a própria vida no horizonte da missão: «Muitas vezes, na vida, perdemos tempo a questionar-nos: “Mas quem sou eu?”. E podes passar a vida inteira a questionar-te quem és, procurando saber quem és. Mas a pergunta que deves pôr-te é esta: “Para quem sou eu?”» (*Discurso na Vigília de Oração preparatória da Jornada Mundial da Juventude, Basilica de Santa Maria Maior, 8/IV/2017*). Esta afirmação ilumina profundamente as opções de vida, porque exorta a assumi-las no horizonte libertador do dom de si mesmo. Este é o único caminho para alcançar uma felicidade genuína e duradoura! Efetivamente, «a missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo» (FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, 273).

### **Canções:**

Fica junto a nós  
Tua és minha vida  
Se crês em Deus

Quarto tema:  
**A missão de Cristo inscrita no discípulo**

(At 6, 1-15; 7, 54-60)

O crescimento da Igreja cria novas situações e necessidades. A comunidade precisa de se organizar, a fim de lhes dar resposta. São escolhidos sete homens que assumirão o serviço das mesas, para que os Apóstolos possam entregar-se ao essencial e prioritário (At 6, 1-7). O primeiro é Estêvão, cuja forma de falar e proceder o leva à prisão e à morte. Não só é o primeiro mártir da fé cristã, como o seu martírio é uma reedição da paixão de Jesus. Surge, então, um dinamismo missionário com outra profundidade e alcance (At 8, 1.4).

**Oração inicial**

Hoje, Senhor, rezamos ouvindo-Te rezar: «Pai, que todos sejam um...».

Pediste a unidade da fé e do amor – sem a uniformidade dos carismas.

O Teu Espírito inspirou ministérios, olhou os dons presentes no coração de cada batizado, não arrancou as comunidades da sua cultura, trabalhou e trabalha com a diversidade.

Na diversidade das línguas, apenas uma exigência para a todos reunir: a caridade que «não acaba nunca».

Abençoa-nos, Senhor, com a sabedoria dos profetas deste tempo; com a palavra vigilante d Papa e dos nossos bispos; com a espiritualidade dos que atualizam ou recriam a vida religiosa; com a coragem dos perseguidos até ao martírio; com a militância de todos os movimentos e grupos; com as vidas incarnadas no mundo dos jovens, adultos e casais; com o amor fiel dos esposos; com a conversão dos que precisam de ajuda para

regressar; com a generosidade dos missionários longe das suas terras; com a presença constante dos nossos párocos e catequistas.

Que cada um de nós, vivendo o seu batismo, diariamente viva pensando: «eu sou uma missão!»

Amen.

### ***Questões para reflexão pessoal e partilha em grupo***

1. Estou atento às necessidades da minha comunidade e colaboro no que é necessário?

2. Sofro com paciência e coragem as dificuldades que a vivência de uma fé esclarecida, ativa e participativa me acarreta?

3. Sou capaz de aceitar e acolher quem, na vida da comunidade, pensa de modo diferente de mim, não me compreende e até me ofende?

### ***Pistas para reflexão***

**1. Resolver tensões e conflitos.** O cristianismo primitivo era já uma realidade plural, com algumas tensões internas. A solução dos problemas e a resolução das tensões não passou pelo ativismo dos discípulos, pela imposição de normas reguladoras ou pela tentativa de uniformização do pensamento e do modo de estar. Passou antes pela convocação da “assembleia dos discípulos” e pela escolha de mais colaboradores (o serviço requer um número suficiente de efetivos e a colegialidade entre eles). Ao proceder assim, os primeiros cristãos não só responderam às necessidades reais, como também resolveram as tensões e conflitos que antes tinham surgido. Nas

entrelinhas, os textos sugerem-nos o caminho a seguir para a resolução das tensões e conflitos que hoje existem nas nossas comunidades.

**2. O testemunho de Estêvão.** Nota-se, no texto, um claro contraste entre Estêvão que “fazia extraordinários milagres e prodígios entre o povo” (v. 8), que falava com sabedoria e movido pelo Espírito (v. 10), dando testemunho da fé, e alguns judeus de proveniências diversas que subornaram o povo, provocaram a ira e incitaram alguns para que apresentassem testemunhos falsos contra ele. É a verdade da fé em conflito com a mentira dos que a não entendem ou a ela se opõem. O problema aparece aqui enunciado, mas é tão atual como antigo, está presente nas nossas comunidades como nos primórdios do cristianismo.

**3. A oração como resposta à perseguição.** Enquanto era apedrejado, Estêvão, “cheio do Espírito Santo e de olhos fixos no céu” (v. 55) não apenas contemplava a glória de Deus e de Jesus como também se entregava à oração, ao modo e ao jeito do seu mestre: entrega o espírito e perdoa aos que o apedrejam (vv. 59-60). Gerou-se um dinamismo missionário imparável, aparecendo aquela comunidade crente como a primeira Igreja em saída (8, 1.4). Não há dúvidas de que a oração e o perdão são formas essenciais ao dinamismo missionário de uma Igreja que, sem se esquecer dos de dentro, vai ao encontro dos de fora.

### ***Questões para o compromisso***

1. Estou disposto a ceder espaço à presença e à ação dos outros nas decisões e na vida da minha comunidade crente?

2. Opto pela verdade da fé, guiado pela sabedoria e pelo Espírito de Deus, em clara contraposição com a má língua e/ou os falsos testemunhos que a querem obstaculizar?

3. Estou decidido a aceitar os momentos difíceis da vida, colocando-os nas mãos de Deus, a rezar por aqueles que não me compreendem, se opõem a mim e, porventura, me perseguem?

### **Para os jovens:**

É verdade que às vezes, perante um mundo cheio de tanta violência e egoísmo, os jovens podem correr o risco de se fechar em pequenos grupos, privando-se assim dos desafios da vida em sociedade, dum mundo vasto, estimulante e necessitado. Têm a sensação de viver o amor fraterno, mas o seu grupo talvez se tenha tornado um simples prolongamento do próprio eu. Isto agrava-se, se a vocação do leigo for concebida unicamente como um serviço interno da Igreja (leitores, acólitos, catequistas, etc.), esquecendo-se que a vocação laical é, antes de mais nada, a caridade na família, a caridade social e caridade política: é um compromisso concreto nascido da fé para a construção duma sociedade nova, é viver no meio do mundo e da sociedade para evangelizar as suas diversas instâncias, fazer crescer a paz, a convivência, a justiça, os direitos humanos, a misericórdia, e assim estender o Reino de Deus no mundo. (Francisco, *Cristo Vive* – CV- 168).

### **Canções:**

Cristo quer a tua ajuda

Agarra a vida

Te amarei, Senhor

## **Quinto Tema: Uma missão para todos os povos**

(At 11, 1-18)

A difusão da mensagem cristã acontecia apenas em território judaico, mas começava, aos poucos, a transpor os limites estritos do judaísmo. O episódio de Filipe e o eunuco etíope (At 8, 26-40) é disso um exemplo claro. A visão de Cornélio, em Cesareia, e a de Pedro, em Joazebo, o discurso de Pedro em casa de Cornélio e o batismo dos primeiros pagãos (At 10), abrem caminho para a afirmação da salvação como realidade universal. O particularismo e o exclusivismo judaicos cedem lugar à dimensão universal e inclusiva do cristianismo.

### **Oração inicial**

Senhor, eis-nos aqui, à escuta.

Só Tu tens palavras de vida eterna e sabes o caminho de todos os caminhos. Só Tu és o Caminho!...

Se Te perguntamos limites, respondes: «Ide por todo o mundo!».

Se confessamos medos, dizes: «Eu estou convosco!»

Se procuramos prazos, abates os horizontes: «Até ao fim dos tempos».

Se nos assalta uma tentação seletiva, advertes: «Tenho ovelhas que não são deste rebanho».

Senhor, dá-nos um coração manso e humilde; generoso e gratuito; paciente e misericordioso. Um coração hospitaleiro!...

Ensina-nos a amar quem procura e bate à porta e deseja a paz; quem se apresenta nas nossas fronteiras e nos nossos adros; quem esporadicamente visita as nossas assembleias...

Tu, que tudo purificas, purifica o nosso olhar!...

Amen.

## **Leitura do texto** (At 11, 1-18)

### ***Questões para reflexão pessoal e partilha em grupo***

1. Estou atento aos sinais de salvação que marcam presença na história e na cultura?
2. Aceito que a mensagem e as graças de Deus se destinam também aos de fora?
3. Sou capaz de sair da minha zona de conforto para ir ao encontro de quem precisa da minha ajuda e do anúncio da salvação?

### ***Pistas de reflexão***

**1. *É Deus quem conduz a história.*** Transparece do texto a ideia de que é Deus quem conduz os acontecimentos, na sua livre e gratuita iniciativa. Apontam nesse sentido as referências à oração, à visão, à voz ouvida três vezes, assim como ao Espírito (Santo) e ao anjo. Contudo, no processo da fé e do respetivo anúncio, Deus não dispensa as mediações (v. 10: três homens enviados de Cesareia). De facto, mesmo conduzindo a história de forma discreta e respeitadora da liberdade humana, Deus serve-se de homens e mulheres (discípulos missionários) que, em seu nome, anunciam a mensagem e ajudam a descodificar os seus sinais.

**2. *A palavra de Deus e a salvação são para todos.*** Depois da constatação de que a palavra de Deus também tinha chegado aos pagãos (v. 1) e da censura dos circuncisos (v. 2), tudo se orienta no sentido de afirmar

que a palavra de Deus, o dom do Espírito e a salvação têm um destino e alcance universais (Cornélio é o protótipo dos pagãos). O particularismo e o segregacionismo das leis judaicas cedem espaço ao universalismo e à dimensão inclusiva da mensagem salvífica.

**3. A fé gera fraternidade.** Não são as normas da convivência ou da conveniência social que geram inclusão e fraternidade. O que inclui e integra na comunidade é os dons de Deus, que a todos e por igual se destinam, e a fé “no Senhor Jesus Cristo” (v. 17). Por isso, se passa de uma situação de hostilidade e censura (vv. 2-3), baseada nas normas da pureza judaica, para o reconhecimento unânime de que “Deus também concedeu aos pagãos o arrependimento que conduz à Vida!” (v. 18).

### ***Questões para o compromisso***

1. Estou consciente de que é Deus quem conduz a história, dando-lhe uma profundidade e um alcance muito maiores?
2. Aceito a universalidade da salvação ou preferiria reduzi-la ao grupo a que pertencço? Estou decidido a afirmá-la e a lutar por ela?
3. Olho para a fé que professo e vivo-a como uma oportunidade para potenciar a fraternidade crente?

### **Para os jovens:**

Não se pode esperar que a missão seja fácil e cómoda. Alguns jovens preferiram dar a própria vida a refrear o seu impulso missionário. Os bispos

da Coreia escreveram: «Esperamos poder ser grãos de trigo e instrumentos para a salvação da humanidade, seguindo o exemplo dos mártires. Apesar da nossa fé ser tão pequena como um grão de mostarda, Deus fá-la-á crescer e utilizá-la-á como instrumento para a sua obra de salvação». Amigos, não espereis pelo dia de amanhã para colaborar na transformação do mundo com a vossa energia, audácia e criatividade. A vossa vida não é «entretanto»; vós sois o agora de Deus, que vos quer fecundos. Porque «é dando que se recebe», e a melhor maneira de preparar um bom futuro é viver bem o presente, com dedicação e generosidade. (Francisco, *Cristo Vive* – CV- 178).

**Canções:**

E nós, a quem iremos?

A messe é grande

Quem Me seguir

## Sexto Tema

# A missão faz-se ao largo

(At 13, 1-12)

Até ao momento, a narrativa centrou-se em Jerusalém e nas estradas que dela saíam em direção a Gaza (At 8, 26) e a Damasco (At 9, 2). Surgiram comunidades cristãs no território de Israel e também em Antioquia (At 11, 19-26). Agora, “a missão faz-se ao largo” e segue para Chipre e posteriormente para a Ásia Menor. É do início da primeira viagem missionária, protagonizada por Barnabé e Saulo (Paulo), que nos dá conta este texto. Mais do que isso: assinala-se o início de uma expansão da mensagem salvífica que irá “até aos confins do mundo” (At 1, 8) e que terá Paulo como principal protagonista (a narrativa prepara o leitor para a hegemonia de Paulo na segunda parte do Livro dos Atos).

### **Oração inicial**

Como são desafiantes, Senhor, os Teus caminhos...

És como o vento que sopra e leva o pinhão, como a abelha que fecunda na busca do pólen, como a água que se infiltra e encontra o caminho das raízes: agita-se Jerusalém e os apóstolos e os discípulos partem para repartir – percebendo a graça do que lhes parecia uma desgraça; percebendo que, afinal, do norte e do sul há de chegar gente para a mesa do Reino.

Não há exclusivos nem lugares cativos no Teu coração. Não vais apenas onde valha a pena e haja «gente que chegue»; não trabalhas para estatísticas e relatórios... Onde dois ou três se reunirem em Teu nome, Tu estás!...

Ah a estranha matemática do Teu amor: uma ovelha perdida vale mais que 99 adormecidas na pacatez do redil; uma simples moeda justifica o trabalho de varrer recantos...

Senhor, queremos abandonar o sono que atrasa a nossa chegada às praças onde buscas operários das mais diversas especialidades -- e onde podemos ouvir-Te: «Ide vós também...».

De coração mudado e agradecido, que cada um de nós Te diga, nas suas circunstâncias e talentos: «Eis-me. Podes enviar-me!»!

Amen.

**Leitura do texto** (At 13, 1-12)

***Questões para reflexão pessoal e partilha em grupo***

1. Dou importância à ação do Espírito, ao jejum e à oração?
2. Ponho pés a caminho para anunciar a mensagem do evangelho?
3. Procuro ler os sinais de Deus na minha história e na história da humanidade?

***Pistas de reflexão***

**1. Uma comunidade modelar.** O texto começa por nos apresentar os traços essenciais de uma comunidade ideal: variada e estruturada ("profetas e doutores"), reunida no culto em honra do Senhor (v. 2), a jejuar e atenta à voz do Espírito, solidária nas opções assumidas. Trata-se de uma comunidade sólida nos seus fundamentos e na sua organização. Desde logo, o texto sugere-nos que só podem ser assim as nossas comunidades cristãs, se querem ser fiéis à sua matriz identitária.

**2. A palavra de Deus em confronto com a magia.** Barnabé e Saulo anunciam a palavra do Senhor, mas encontram a oposição do mago Bar-Jesus ou Elimas. A força do Espírito que conduz a missão abate a resistência maligna e falsa, à semelhança do que já havia acontecido em At 8, 18-23. Salta à evidência a ideia de que o anúncio cristão não pode confundir-se com a magia grega ou a superstição judeo-pagã, nem sujeitar-se a ela. Pelo contrário, desmascara uma e outra. Num mundo em que estes fenómenos vêm cada vez mais ao de cima, é missão dos cristãos recen-trar a fé no essencial e depurá-la de tudo quanto se apresenta como sua deturpação.

**3. A missão faz-se ao largo.** Para lá de Jerusalém e Antioquia, a men-sagem cristã estende-se para Chipre, terra de Barnabé. Porém, o prota-gonista desta expansão é Saulo (Paulo). O pró-consul converte-se, de modo que a mensagem não só alcança novos espaços como também outras pessoas e outras condições sociais. Além disso, a proclamação do evangelho ganha novos protagonistas. Entram assim em diálogo dois mundos (o hebraico e o grego) e Paulo assume papel relevante neste pro-cesso de expansão da mensagem cristã.

### ***Questões para o compromisso***

1. Estou disponível para ajudar a comunidade em que me insiro a ser variada, estruturada e a focar-se no essencial?

2. Sei fazer o discernimento entre o evangelho, a magia, a superstição e outros fenómenos alternativos? Como lidarei com tudo isso?

3. Tenho noção de que a missão só o é quando se fizer ao largo e que isso implica eu estar disposto a vencer o comodismo e o conformismo?

### **Para os jovens:**

Formar a consciência é o caminho de toda a vida, na qual se aprende a ter os mesmos sentimentos de Jesus Cristo, assumindo os critérios das suas escolhas e as intenções do seu agir (cf. Fl 2,5). Para chegar à dimensão mais profunda da consciência, segundo a visão cristã, é importante um cuidado com a interioridade, que compreende, antes de mais, tempos de silêncio, de contemplação orante e de escuta da Palavra, o sustento da prática sacramental e do ensinamento da Igreja. Além disso, é preciso uma prática habitual do bem, verificada no exame de consciência: um exercício em que não se trata apenas de identificar os pecados, mas também de reconhecer a obra de Deus na própria experiência quotidiana, na vivência da história e das culturas onde se está inserido, no testemunho de tantos outros homens e mulheres que nos precederam ou nos acompanham com a sua sabedoria. Tudo isto ajuda a crescer na virtude da prudência, articulando a orientação global da existência com as escolhas concretas, na serena consciência dos próprios dons e dos próprios limites. O jovem Salomão pediu este dom mais do que qualquer outra coisa (cf. 1Rs 3,9). (Documento Final do Sínodo dos Jovens, 108)

### **Canções:**

Louvado sejas

E nós a quem iremos?

Ilumina-me, Senhor, com Teu Espírito

**Sétimo Tema:**  
**A missão entra em diálogo**

(At 17, 16-34)

A segunda viagem missionária de Paulo é feita com determinação, mas oscila entre o sucesso e o fracasso. As dificuldades com os judeus, em Tessalónica (At 17, 1-9), e a prisão de Paulo e Silas (At 16, 19-24) são a melhor ilustração dos fracassos, ao passo que as conversões apontam para o sucesso (converte-se Lídia e o carcereiro). No contacto com outros povos e culturas, pelas vias da ironia, da captação da benevolência e da descoberta de termos e conceitos comuns, a missão entra em diálogo e alarga horizontes, provocando o enraizamento e o aprofundamento da mensagem cristã.

**Oração inicial**

Ouvimos-Te, Senhor: «Uma vez levantado da terra, atrairei todos a mim». Ouvimos afirmar a cruz como momento de glorificação...

Estranha noção de vitória a Tua, Senhor!... E, no entanto, é realmente na Cruz que podemos gloriar-nos.

Assalta-nos a fome do êxito e do êxito imediato – com tal pressa que queremos colher no fim de maio... Nem com os nossos campos aprendemos a paciência; nem, olhando-os, constatamos que uma qualquer erva rebenta primeiro que a semente depositada...

Em vez de vigiarmos, adormecemos; em vez de persistirmos, desanimamos; em vez de nos sabermos ajudantes da Tua Graça, julgamos que somos nós quem converte!...

Senhor, somos semeadores de Esperança.

Queremos viver esta condição com a alegria e entusiasmo.

Queremos dizer a quem começa o que Tu disseste a quem tentava:

«Não estás longe!...»

Queremos ser facilitadores fiéis e não porteiros seletivos com critérios pessoais.

Queremos ouvir todas as perguntas e ensinar a procurar respostas rezadas.

Queremos iluminar caminhos e não atirar a luz aos olhos.

Queremos apresentar-Te e não apresentarmo-nos...

Queremos falar de Ti, falando diariamente contigo!

Amen.

**Leitura do texto** (At 17, 16-34)

***Questões para reflexão pessoal e partilha em grupo***

1. Lido bem com os sucessos e os fracassos?
2. Encaro as dificuldades como oportunidade para crescer e dialogar?
3. Procuo estabelecer pontes culturais e religiosas?

***Pistas de reflexão***

**1. A ironia e a captação da benevolência.** Com o espírito a tremer-lhe de indignação, por ver Atenas repleta de ídolos (v. 16), Paulo não envereda pelos

caminhos da exorcização ou da crítica demolidora, procedimentos que gerariam a incompatibilidade e o afastamento. Opta antes por uma certa ironia e pela captação da benevolência (v. 22: “vejo que sois, em tudo, os mais religiosos dos homens”), amenizando o ambiente e lançando pontes para a empatia que torna possível o diálogo, sempre desejável, independentemente dos resultados alcançados.

**2. *Por em diálogo dois mundos.*** A partir de uma intuição perspicaz e de um enorme sentido de oportunidade (v. 23: “aquele que venerais sem o conhecer é esse que eu vos anuncio”), Paulo põe em diálogo duas cidades e dois mundos: Jerusalém e Atenas, o mundo hebraico (judaico) e o mundo helénico (grego), respetivamente. Anuncia a mensagem, usando termos e expressões ambivalentes, isto é, comuns aos dois mundos. Parte de conceitos da filosofia e de textos da literatura grega para anunciar uma mensagem que, não anulando nem negando a reflexão grega, vai para além dela.

**3. *Um anúncio centrado no essencial, servindo-se de uma linguagem comum e sem preocupação pelos resultados.*** O anúncio de Paulo centra-se no essencial: Deus é o criador de todas as coisas e do ser humano, não depende em nada das suas criaturas, estas é que dependem dele; está inscrita na matriz humana a busca de Deus que está muito perto de cada um de nós e mais próximo se tornou no Homem que ressuscitou dos mortos. A ressurreição dos mortos gerou incómodo entre os ouvintes, mas nem por isso Paulo deixou de a

afirmar. Os resultados foram escassos, mas o procedimento de Paulo e o texto que o testemunha tornam-se modelos para todos os que têm em mãos a tarefa incontornável e inadiável de anunciar o evangelho ao mundo contemporâneo, com seriedade e sem proselitismo.

### ***Questões para o compromisso***

1. Estou disposto a usar uma linguagem positiva em relação ao mundo em que me insiro, a fim de não obstaculizar o diálogo entre a fé e a cultura?
2. Assumo o compromisso de conhecer melhor a fé e o mundo em que vivo para os pôr em diálogo?
3. Estou consciente de que é necessário centrar-me no essencial da fé, servir-me de uma linguagem que todos entendam e não estar obcecado pelos resultados pastorais?

### **Para os jovens:**

A prática do diálogo e a procura de soluções partilhadas representam uma clara prioridade numa altura em que os sistemas democráticos são desafiados por baixos índices de participação e por uma influência desproporcionada de pequenos grupos de interesse que não têm uma ampla aceitação na população, com o perigo de derivas reducionistas, tecnocráticas e autoritárias. A fidelidade ao Evangelho orientará este diálogo na procura do modo de dar resposta ao duplo grito dos pobres e da terra, a que os jovens mostram particular sensibilidade, inserindo nos processos sociais a inspiração dos princípios da doutrina social: a dignidade da pessoa, o destino universal dos bens, a opção preferencial pelos pobres, o primado

da solidariedade, a atenção à subsidiariedade, o cuidado da casa comum. Nenhuma vocação no seio da Igreja pode colocar-se de fora deste dinamismo comunitário de saída e de diálogo, e por isso todo o esforço de acompanhamento é chamado a medir-se por este horizonte, reservando uma atenção privilegiada aos mais pobres e aos mais vulneráveis. (Documento Final do Sínodos dos Jovens, 127)

**Canções:**

O amor de Deus repousa em mim

Sois a semente

É tempo de ser esperança

# **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Cristo Vive, dirigida aos jovens de todo o mundo**

(Caps. 1 e 2)

**1. CRISTO VIVE:** é Ele a nossa esperança e a mais bela juventude deste mundo! Tudo o que toca torna-se jovem, fica novo, enche-se de vida. Por isso as primeiras palavras, que quero dirigir a cada jovem cristão, são estas: Ele vive e quer-te vivo!

**2.** Está em ti, está contigo e jamais te deixa. Por mais que te possas afastar, junto de ti está o Ressuscitado, que te chama e espera por ti para recomeçar. Quando te sentires envelhecido pela tristeza, os rancores, os medos, as dúvidas ou os fracassos, Jesus estará a teu lado para te devolver a força e a esperança.

## **Capítulo I**

### **QUE DIZ A PALAVRA DE DEUS SOBRE OS JOVENS?**

**5.** Vamos respigar alguns tesouros da Sagrada Escritura, onde várias vezes se fala de jovens e do modo como o Senhor vai ao seu encontro.

## *No Antigo Testamento*

**6.** Numa época em que os jovens contavam pouco, alguns textos mostram que Deus vê com olhos diferentes. Por exemplo, vemos José que era quase o mais novo da família (cf. *Gn 37, 2-3*) e, todavia, Deus comunicou-lhe em sonho coisas grandes e superou todos os seus irmãos em cargos importantes quando tinha cerca de vinte anos (cf. *Gn 37 – 47*).

**7.** Em Gedeão, reconhecemos a sinceridade dos jovens, que não costumam dulcificar a realidade. Quando Ihe foi dito que o Senhor estava com ele, retorquiu: «Se o Senhor está connosco, então porque é que nos aconteceu tudo isto?» (*Jz 6, 13*). Mas Deus não se aborreceu com esta censura e redobrou a aposta nele: «Vai com toda a tua força, e salva Israel» (*Jz 6, 14*).

**8.** Samuel era um adolescente inseguro, mas o Senhor comunicava com ele. Graças ao conselho dum adulto, abriu o seu coração para escutar a chamada de Deus: «Fala, Senhor; o teu servo escuta» (*1 Sm 3, 9-10*). Por isso, foi um grande profeta que interveio em momentos importantes da sua pátria. O rei Saul também era um jovem, quando o Senhor o chamou para cumprir a sua missão (cf. *1 Sm 9, 2*).

**9.** Quando o rei David foi escolhido, era ainda rapaz. O profeta Samuel andava à procura do futuro rei de Israel, e um homem apresentou-lhe, como candidatos, os seus filhos mais velhos e mais experientes. Mas o profeta disse que o escolhido era David, o rapaz que cuidava das ovelhas

(cf. 1 Sm 16, 6-13), porque «o homem vê as aparências, mas o Senhor olha o coração» (16, 7). A glória da juventude está mais no coração do que na força física ou na impressão que provoca nos outros.

**10.** Salomão, quando teve de suceder a seu pai, sentiu-se perdido e disse a Deus: «Eu não passo de um jovem inexperiente que não sabe ainda como governar» (1 Re 3, 7). No entanto, a audácia da juventude impeliu-o a pedir a Deus a sabedoria e entregou-se à sua missão. Algo parecido aconteceu com o profeta Jeremias, chamado a despertar o seu povo quando era ainda muito jovem. Temeroso, disse: «Ah! Senhor Deus, eu não sei falar, pois ainda sou um jovem» (Jr 1, 6). Mas o Senhor pediu-lhe para não falar assim (cf. Jr 1, 7), acrescentando: «Não terás medo diante deles, pois Eu estou contigo para te livrar» (Jr 1, 8). A entrega do profeta Jeremias à sua missão mostra o que é possível fazer-se, se se unem o frescor da juventude e a força de Deus.

**11.** Uma donzela judia, que estava ao serviço do militar estrangeiro Naaman interveio com fé para o ajudar a curar da sua doença (cf. 2 Re 5, 2-6). A jovem Rute foi um exemplo de generosidade ao ficar na companhia da sua sogra, que acabara viúva e só (cf. Rt 1, 1-18), e mostrou também a sua audácia para triunfar na vida (cf. Rt 4, 1-17).

### *No Novo Testamento*

**12.** Conta uma parábola de Jesus (cf. Lc 15, 11-33) que o filho «mais jovem» quis partir da casa paterna para um país distante (cf. 15, 12-13). Mas, os seus sonhos de autonomia transformaram-se em libertinagem e devassidão (cf.

15, 13), e provou a dureza da solidão e da pobreza (cf. 15, 14-16). Todavia, foi capaz de reconsiderar e começar de novo (cf. 15, 17-19): decidiu levantar-se (cf. 15, 20). É típico do coração jovem estar disposto a mudar, ser capaz de levantar-se e deixar-se instruir pela vida. Como não acompanhar o filho nesta nova tentativa? Mas o irmão mais velho já tinha o coração envelhecido e deixou-se possuir pela ganância, o egoísmo e a inveja (cf. 15, 28-30). Jesus louva mais o jovem pecador que retoma o bom caminho do que aquele que se julga fiel, mas não vive o espírito do amor e da misericórdia.

**13.** Jesus, o eternamente jovem, quer dar-nos um coração sempre jovem. Assim no-lo pede a Palavra de Deus: «Purificai-vos do velho fermento, para serdes uma nova massa» (1 *Cor* 5, 7). Ao mesmo tempo convida-nos a despojar-nos do «homem velho» para nos revestirmos do «homem novo» (Col 3, 9.10), do homem jovem. E, quando quer explicar o que é revestir-se desta juventude que «não cessa de se renovar» (3, 10), diz que significa ter «sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência, suportando-vos uns aos outros e perdoando-vos mutuamente, se alguém tiver razão de queixa contra outro» (3, 12-13). Isto significa que a verdadeira juventude é ter um coração capaz de amar. Pelo contrário, aquilo que envelhece a alma é tudo o que nos separa dos outros. Por isso mesmo conclui: «Acima de tudo isto, revesti-vos do amor, que é o laço da perfeição» (3, 14).

**14.** Notemos que Jesus não gostava que os adultos olhassem com desprezo para os mais jovens ou os mantivessem, despoticamente, ao seu serviço. Pelo contrário, pedia: «O que for maior entre vós seja como o menor» (*Lc* 22, 26).

Para Ele, a idade não estabelecia privilégios; e o facto de alguém ter menos anos não significava que valesse menos ou tivesse menor dignidade.

**15.** A Palavra de Deus diz que os jovens devem ser tratados «como irmãos» (1 *Tm* 5, 1), e recomenda aos pais: «Não irriteis os vossos filhos, para que não caiam em desânimo» (*Col* 3, 21). Um jovem não pode estar desanimado; é próprio dele sonhar coisas grandes, buscar horizontes amplos, ousar mais, ter vontade de conquistar o mundo, ser capaz de aceitar propostas desafiadoras e desejar contribuir com o melhor de si mesmo para construir algo superior. Por isso, insisto com os jovens para não deixar que lhes roubem a esperança, repetindo a cada um: «Ninguém escarneça da tua juventude» (1 *Tm* 4, 12).

**16.** Ao mesmo tempo, porém, recomenda-se aos jovens: «Sede submissos aos anciãos» (1 *Ped* 5, 5). A Bíblia sempre convida a um respeito profundo pelos idosos, porque abrigam um tesouro de experiência, experimentaram os êxitos e os fracassos, as alegrias e as grandes tribulações da vida, as esperanças e as desilusões, e, no silêncio do seu coração, guardam tantas histórias que nos podem ajudar a não errar nem enganar-nos com falsas miragens. A palavra dum idoso sábio convida a respeitar certos limites e a saber-se dominar a tempo: «Exorta igualmente os jovens a serem moderados» (*Tit* 2, 6). Não é bom cair no culto da juventude, nem numa postura juvenil que despreze os outros pelos seus anos ou porque são doutro tempo. Jesus dizia que a pessoa sábia é capaz de tirar do seu tesouro coisas novas e velhas (cf. *Mt* 13, 52). Um jovem sábio abre-se ao futuro, mas permanece capaz de valorizar algo da experiência dos outros.

**17.** No Evangelho de Marcos, aparece uma pessoa que, ao ouvir Jesus recordar-lhe os mandamentos, exclama: «Tenho cumprido tudo isso desde a minha juventude» (10, 20). Já o dizia o Salmo: «Tu és a minha esperança, ó Senhor Deus, e a minha confiança desde a juventude. (...) Instruiste-me, ó Deus, desde a minha juventude e até hoje anunciei sempre as tuas maravilhas» (71/70, 5.17). Nunca nos arrependemos de gastar a própria juventude a fazer o bem, abrindo o coração ao Senhor e vivendo contracorrente. De tudo isto, nada nos tira a juventude, antes fortalece-a e renova-a: «É [o Senhor] quem (...) te rejuvenesce como a águia» (*Sal* 103/102, 5). Por isso, Santo Agostinho lamentava-se: «Tarde Vos amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde Vos amei!» Mas aquele homem rico, que fora fiel a Deus na sua juventude, deixou que os anos lhe roubassem os sonhos, preferindo ficar agarrado aos seus bens (cf. *Mc* 10, 22).

**18.** Entretanto, na passagem paralela do Evangelho de Mateus, aparece um jovem (cf. *Mt* 19, 20.22) que se aproxima de Jesus desejoso de mais (cf. 19, 20), com aquele espírito aberto típico dos jovens, que busca novos horizontes e grandes desafios. Na realidade, o seu espírito já não era assim tão jovem, porque se apegara às riquezas e comodidades. Com a boca, dizia querer algo mais, mas, quando Jesus lhe pede para ser generoso e distribuir os seus bens, deu-se conta de que não era capaz de desprender-se do que possuía. «Ao ouvir isto, o jovem retirou-se contristado» (19, 22). Renunciara à sua juventude.

**19.** O Evangelho fala-nos também dalgumas jovens prudentes que estavam prontas e vigilantes, enquanto outras viviam distraídas e

adormentadas (cf. *Mt* 25, 1-13). Com efeito, é possível transcorrer a própria juventude distraído, planando à superfície da vida, dormindo, incapaz de cultivar relações profundas e entrar no coração da vida; deste modo, porém, prepara-se um futuro pobre, sem substância. Ou, pelo contrário, pode-se gastar a juventude cultivando coisas nobres e grandes e, assim, preparar um futuro cheio de vida e riqueza interior.

**20.** Se perdeste o vigor interior, os sonhos, o entusiasmo, a esperança e a generosidade, diante de ti está Jesus, como parou diante do filho morto da viúva, e o Senhor, com todo o seu poder de Ressuscitado, exorta-te: «Jovem, Eu te ordeno: Levanta-te!» (*Lc* 7, 14).

**21.** Há, sem dúvida, muitos outros textos da Palavra de Deus que nos podem iluminar acerca desta fase da vida. Analisaremos alguns deles nos próximos capítulos.

## Capítulo II

### JESUS CRISTO SEMPRE JOVEM

**22.** Jesus é «jovem entre os jovens, para ser o exemplo dos jovens e consagrá-los ao Senhor». Por isso, o Sínodo disse que «a juventude é um período original e estimulante da vida, que o próprio Jesus viveu, santificando-a». Que nos refere o Evangelho sobre a juventude de Jesus?

## *A juventude de Jesus*

**23.** O Senhor «entregou o seu espírito» (*Mt 27, 50*) numa cruz, quando tinha pouco mais de 30 anos de idade (cf. *Lc 3, 23*). É importante tomar consciência de que Jesus foi um jovem. Deu a sua vida numa fase que hoje se define como a dum jovem adulto. Em plena juventude, começou a sua missão pública e, assim, brilhou «uma grande luz» (*Mt 4, 16*), sobretudo quando levou até ao extremo o dom da sua vida. Este final não foi improvisado, mas teve uma preciosa preparação em toda a sua juventude, em cada um dos seus momentos, porque «tudo, na vida de Jesus, é sinal do seu mistério» e «toda a vida de Cristo é mistério de redenção».

**24.** O Evangelho não fala da meninice de Jesus, mas conta-nos alguns factos da sua adolescência e juventude. Mateus coloca este período da juventude do Senhor entre dois episódios: o regresso da sua família a Nazaré, depois do tempo de exílio, e o seu batismo no Jordão, onde começou a sua missão pública. As últimas imagens de Jesus menino são a dum pequeno refugiado no Egito (cf. *Mt 2, 14-15*) e, depois, a dum repatriado em Nazaré (cf. *Mt 2, 19-23*). As primeiras imagens de Jesus, jovem adulto, são as que no-Lo apresentam na multidão ao pé do rio Jordão, para ser batizado pelo primo João Batista, como qualquer um do seu povo (cf. *Mt 3, 13-17*).

**25.** Aquele batismo não era como o nosso, que nos introduz na vida da graça, mas foi uma consagração antes de começar a grande missão da sua vida. O Evangelho diz que o seu batismo foi motivo de júbilo

e comprazimento do Pai: «Tu és o meu Filho muito amado» (Lc 3, 22). Imediatamente Jesus apareceu cheio do Espírito Santo e foi levado pelo Espírito ao deserto. Assim, estava pronto para ir pregar e fazer prodígios, libertar e curar (cf. Lc 4, 1-14). Cada jovem, quando se sente chamado a cumprir uma missão nesta terra, é convidado a reconhecer dentro de si as mesmas palavras que Deus Pai dissera a Jesus: «Tu és o meu filho muito amado».

**26.** No intervalo entre estes dois episódios, aparece um que mostra Jesus em plena adolescência: quando regressou para Nazaré com seus pais, depois que estes O perderam e reencontraram no Templo (cf. Lc 2, 41-51). Em Nazaré, diz o texto que Jesus «era-lhes submisso» (Lc 2, 51), pois não tinha rejeitado a sua família. Então Lucas acrescenta que «Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens» (2, 52). Por outras palavras, estava-Se preparando e, naquele período, ia aprofundando a sua relação com o Pai e com os outros. São João Paulo II explicou que não crescia apenas fisicamente, mas «houve em Jesus também um crescimento espiritual», porque «a plenitude de graça em Jesus era relativa à idade: havia sempre plenitude, mas uma plenitude crescente com o crescer da idade».

**27.** Com base nestes dados evangélicos, podemos afirmar que Jesus, na sua fase juvenil, foi-Se «formando», foi-Se preparando para realizar o projeto que o Pai tinha. A sua adolescência e juventude orientaram-No para esta missão suprema.

**28.** Na adolescência e juventude, a sua relação com o Pai era a do Filho muito amado; atraído pelo Pai, crescia ocupando-Se das coisas d’Ele: «Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?» (*Lc 2, 49*). Mas, não devemos pensar que Jesus fosse um adolescente solitário ou um jovem fechado em si mesmo. A sua relação com as pessoas era a dum jovem que compartilhava a vida inteira dum família bem integrada na aldeia. Aprendera o ofício do pai e, depois, substituiu-o como carpinteiro. Por isso no Evangelho, uma vez, é chamado «o filho do carpinteiro» (*Mt 13, 55*) e, outra, simplesmente «o carpinteiro» (*Mc 6, 3*). Este detalhe mostra que era um rapaz da aldeia como os outros, relacionando-Se com toda a normalidade. Ninguém O considerava um jovem estranho ou separado dos outros. Por isso mesmo, quando Jesus começou a pregar, as pessoas não sabiam explicar donde Lhe vinha aquela sabedoria: «Não é este o filho de José?» (*Lc 4, 22*).

**29.** A verdade é que «Jesus também não cresceu numa relação fechada e exclusiva com Maria e José, mas de bom grado movia-Se na família alargada, onde encontrava os parentes e os amigos». Assim se compreende que, ao regressar da peregrinação a Jerusalém, os pais estivessem tranquilos pensando que aquele adolescente de doze anos (cf. *Lc 2, 42*) Se movia livremente entre as pessoas a ponto de não O verem durante um dia inteiro: «pensando que Ele Se encontrava na caravana, fizeram um dia de viagem» (*Lc 2, 44*). Com certeza – supunham eles –, Jesus estaria lá indo e vindo entre os demais, brincando com os da sua idade, ouvindo as histórias dos adultos e compartilhando as alegrias e tristezas da caravana. Para expressar a «caravana» de peregrinos, Lucas

usou o termo grego *synodía*, que indica precisamente esta «comunidade em caminho», na qual se integrou a sagrada Família. Graças à confiança que n'Ele depositam seus pais, Jesus move-Se livremente e aprende a caminhar com todos os outros.

### *A sua juventude ilumina-nos*

**30.** Estes aspetos da vida de Jesus podem servir de inspiração a todo o jovem que cresce e se prepara para cumprir a sua missão. Isto implica amadurecer na relação com o Pai, na consciência de ser um dos membros da família e da aldeia, e na disponibilidade a ser cumulado do Espírito e guiado no cumprimento da missão que Deus lhe confia, a sua vocação. Nada disto deveria ser ignorado na pastoral juvenil, para não criar projetos que isolem os jovens da família e do mundo, ou que os transformem numa minoria seleta e preservada de todo o contágio. Precisamos, sim, de projetos que os fortaleçam, acompanhem e lancem para o encontro com os outros, o serviço generoso, a missão.

**31.** Não é de longe nem de fora que Jesus vos ilumina, a vós jovens, mas a partir da própria juventude que partilha convosco. É muito importante contemplar o Jesus jovem que os Evangelhos nos mostram, porque foi verdadeiramente um de vós e, n'Ele, é possível reconhecer muitos traços dos corações jovens. Vemo-lo, por exemplo, nas seguintes características: «Jesus teve uma confiança incondicional no Pai, cuidou da amizade com os seus discípulos e, até nos momentos de crise, permaneceu fiel a eles. Manifestou uma profunda compaixão pelos mais fracos, especialmente

os pobres, os doentes, os pecadores e os excluídos. Teve a coragem de enfrentar as autoridades religiosas e políticas do seu tempo; viveu a experiência de Se sentir incompreendido e descartado; experimentou o medo do sofrimento e conheceu a fragilidade da Paixão; dirigiu o seu olhar para o futuro, colocando-Se nas mãos seguras do Pai e confiando na força do Espírito. Em Jesus, todos os jovens se podem rever».

**32.** Por outro lado, Jesus ressuscitou e quer fazer-nos participantes da novidade da sua ressurreição. Ele é a verdadeira juventude dum mundo envelhecido, e é também a juventude dum universo que espera, por entre «dores de parto» (*Rm* 8, 22), ser revestido com a sua luz e com a sua vida. Junto d'Ele, podemos beber da verdadeira fonte que mantém vivos os nossos sonhos, projetos e grandes ideais, lançando-nos no anúncio da vida que vale a pena viver. Em dois detalhes interessantes do Evangelho de Marcos, podemos notar a chamada à verdadeira juventude dos ressuscitados: na paixão do Senhor, aparece um jovem medroso que procurava seguir Jesus, mas fugiu nu (cf. 14, 51-52), um jovem que não teve a força de arriscar tudo para seguir o Senhor; enquanto, junto do túmulo vazio, vemos um jovem «vestido com uma túnica branca» (16, 5), que convidava a vencer o medo e anunciava a alegria da ressurreição (cf. 16, 6-7).

**33.** O Senhor chama-nos a acender estrelas na noite doutros jovens; convida-nos a olhar os verdadeiros astros, ou seja, aqueles sinais tão variados que Ele nos dá para não ficarmos parados, mas imitarmos o semeador que observava as estrelas para poder lavrar o campo. Deus acende estrelas para nós, a fim de podermos continuar a caminhar: «Às estrelas que brilham

alegremente nos seus postos, Ele chama-as e elas respondem» (Br 3, 34-35). Mas o próprio Cristo é, para nós, a grande luz de esperança e guia na nossa noite, pois Ele é «a brilhante estrela da manhã» (Ap 22, 16).

### *A juventude da Igreja*

**34.** Ser jovem, mais do que uma idade, é um estado do coração. Assim, uma instituição antiga como é a Igreja pode renovar-se e voltar a ser jovem em cada uma das várias fases da sua longa história. Com efeito, nos seus momentos mais dramáticos, sente a chamada a retornar ao essencial do primeiro amor. Ao recordar esta verdade, o Concílio Vaticano II afirmava que, «rica de um longo passado sempre vivo, e caminhando para a perfeição humana no tempo e para os destinos últimos da história e da vida, ela é a verdadeira juventude do mundo». Nela, é sempre possível encontrar Cristo, «o companheiro e o amigo dos jovens».

### *Uma Igreja que se deixa renovar*

**35.** Peçamos ao Senhor que liberte a Igreja daqueles que querem envelhecê-la, ancorá-la ao passado, travá-la, torná-la imóvel. Peçamos também que a livre doutra tentação: acreditar que é jovem porque cede a tudo o que o mundo lhe oferece, acreditar que se renova porque esconde a sua mensagem e mimetiza-se com os outros. Não! É jovem quando é ela mesma, quando recebe a força sempre nova da Palavra de Deus, da Eucaristia, da presença de Cristo e da força do seu Espírito em cada dia. É jovem quando consegue voltar continuamente à sua fonte.

**36.** Certamente nós, membros da Igreja, não precisamos de aparecer como sujeitos estranhos. Todos nos devem sentir irmãos e vizinhos, como os Apóstolos que «tinham a simpatia de todo o povo» (At 2, 47; cf. 4, 21.33; 5, 13). Ao mesmo tempo, porém, devemos ter a coragem de ser diferentes, mostrar outros sonhos que este mundo não oferece, testemunhar a beleza da generosidade, do serviço, da pureza, da fortaleza, do perdão, da fidelidade à própria vocação, da oração, da luta pela justiça e o bem comum, do amor aos pobres, da amizade social.

**37.** A Igreja de Cristo pode sempre cair na tentação de perder o entusiasmo, porque deixa de escutar o apelo do Senhor ao risco da fé, a dar tudo sem medir os perigos, e volta a procurar falsas seguranças mundanas. São precisamente os jovens que a podem ajudar a permanecer jovem, não cair na corrupção, não parar, não se orgulhar, não se transformar numa seita, ser mais pobre e testemunhal, estar perto dos últimos e descartados, lutar pela justiça, deixar-se interpelar com humildade. Os jovens podem conferir à Igreja a beleza da juventude, quando estimulam a capacidade «de se alegrar com o que começa, de se dar sem nada exigir, de se renovar e de partir para novas conquistas».

**38.** Quantos de nós já não são jovens precisam de ocasiões em que tenham próxima a voz e o estímulo dos jovens, e «a proximidade cria as condições para que a Igreja seja espaço de diálogo e testemunho de fraternidade que fascina». Precisamos de criar mais espaços onde ressoe a voz dos jovens: «A escuta torna possível um intercâmbio de dons, num contexto de empatia. (...) Ao mesmo tempo, estabelece as condições para um anúncio do Evangelho que alcance verdadeiramente, de modo incisivo e fecundo, o coração».

### *Uma Igreja atenta aos sinais dos tempos*

**39.** «Enquanto Deus, a religião e a Igreja não passam de palavras vazias para numerosos jovens, os mesmos mostram-se sensíveis à figura de Jesus, quando ela é apresentada de modo atraente e eficaz». Por isso é necessário que a Igreja não esteja demasiado debruçada sobre si mesma, mas procure sobretudo refletir Jesus Cristo. Isto implica reconhecer humildemente que algumas coisas concretas devem mudar e, para isso, precisa de recolher também a visão e mesmo as críticas dos jovens.

**40.** No Sínodo, reconheceu-se que «um número consistente de jovens, pelos motivos mais variados, nada pede à Igreja, porque não a consideram significativa para a sua existência. Aliás, alguns pedem-lhe expressamente para ser deixados em paz, uma vez que sentem a sua presença como importuna e até mesmo irritante. Muitas vezes este pedido não nasce dum desprezo acrítico e impulsivo, mas mergulha as raízes mesmo em razões sérias e respeitáveis: os escândalos sexuais e económicos; a falta de preparação dos ministros ordenados, que não sabem reconhecer de maneira adequada a sensibilidade dos jovens; pouco cuidado na preparação da homilia e na apresentação da Palavra de Deus; o papel passivo atribuído aos jovens no seio da comunidade cristã; a dificuldade da Igreja dar razão das suas posições doutrinárias e éticas perante a sociedade atual».

**41.** Embora haja jovens a quem agrada ver uma Igreja que se manifesta humildemente segura dos seus dons e também capaz de exercer uma crítica leal e fraterna, outros jovens reclamam uma Igreja que escute mais,

que não passe o tempo a condenar o mundo. Não querem ver uma Igreja calada e tímida, mas tão-pouco desejam que esteja sempre em guerra por dois ou três assuntos que a obcecaram. Para ser credível aos olhos dos jovens, precisa às vezes de recuperar a humildade e simplesmente ouvir, reconhecer, no que os outros dizem, alguma luz que a pode ajudar a descobrir melhor o Evangelho. Uma Igreja na defensiva, que perde a humildade, que deixa de escutar, que não permite ser questionada, perde a juventude e transforma-se num museu. Como poderá uma Igreja assim receber os sonhos dos jovens? Embora possua a verdade do Evangelho, isto não significa que a tenha compreendido plenamente; antes, deve crescer sempre na compreensão deste tesouro inesgotável.

**42.** Por exemplo, uma Igreja demasiado temerosa e estruturada pode ser constantemente crítica de todos os discursos sobre a defesa dos direitos das mulheres, e apontar constantemente os riscos e os possíveis erros dessas reclamações. Ao passo que uma Igreja viva pode reagir prestando atenção às legítimas reivindicações das mulheres, que pedem maior justiça e igualdade; pode repassar a história e reconhecer uma longa trama de autoritarismo por parte dos homens, de sujeição, de várias formas de escravidão, abusos e violência machista. Com este olhar, poderá fazer suas aquelas reclamações de direitos e dará, convictamente, a sua contribuição para uma maior reciprocidade entre homens e mulheres, embora não concorde com tudo o que propõem alguns grupos feministas. Nesta linha, o Sínodo quis renovar o empenho da Igreja «contra toda a discriminação e violência com base no sexo». Esta é a reação duma Igreja que se mantém jovem e se deixa interpelar e estimular pela sensibilidade dos jovens.

## *Maria, a jovem de Nazaré*

**43.** No coração da Igreja, resplandece Maria. É o grande modelo para uma Igreja jovem, que deseja seguir Cristo com frescor e docilidade. Era ainda muito jovem quando recebeu o anúncio do anjo, não se coibindo de fazer perguntas (cf. *Lc 1, 34*). Mas tinha uma alma disponível e disse: «Eis a serva do Senhor» (*Lc 1, 38*).

**44.** «Sempre impressiona a força do “sim” de Maria, jovem. A força daquele “faça-se em Mim”, que disse ao anjo. Foi uma coisa distinta duma aceitação passiva ou resignada. Foi qualquer coisa distinta daquele “sim” que por vezes se diz: “Bem; provemos a ver que sucede”. Maria não conhecia a frase “provemos a ver que sucede”. Era determinada: compreendeu do que se tratava e disse “sim”, sem rodeios de palavras. Foi algo mais, qualquer coisa de diferente. Foi o “sim” de quem quer comprometer-se e arriscar, de quem quer apostar tudo, sem ter outra garantia para além da certeza de saber que é portadora duma promessa. Pergunto a cada um de vós: Sentes-te portador duma promessa? Que promessa trago no meu coração, devendo dar-lhe continuidade? Maria teria, sem dúvida, uma missão difícil, mas as dificuldades não eram motivo para dizer “não”. Com certeza teria complicações, mas não haveriam de ser idênticas às que se verificam quando a covardia nos paralisa por não vermos, antecipadamente, tudo claro ou garantido. Maria não comprou um seguro de vida! Maria embarcou no jogo e, por isso, é forte, é uma “influenciadora”, é a “influenciadora” de Deus! O “sim” e o desejo de servir foram mais fortes do que as dúvidas e dificuldades».

**45.** Sem ceder a evasões nem miragens, «Ela soube acompanhar o sofrimento do seu Filho (...), apoiá-Lo com o olhar e protegê-Lo com o coração. Que dor sofreu! Mas não A abateu. Foi a mulher forte do “sim”, que apoia e acompanha, protege e abraça. É a grande guardiã da esperança (...). D’Ela, aprendemos a dizer “sim” à paciência obstinada e à criatividade daqueles que não desanimam e recomeçam».

**46.** Maria era a donzela de alma grande que exultava de alegria (cf. *Lc* 1, 47), era a jovenzinha com os olhos iluminados pelo Espírito Santo, que contemplava a vida com fé e guardava tudo no seu coração (cf. *Lc* 2, 19.51). Não ficava quieta, punha-se continuamente a caminho: quando soube que sua prima precisava d’Ela, não pensou nos próprios projetos, mas «dirigiu-Se à pressa para a montanha» (*Lc* 1, 39).

**47.** E, sendo necessário proteger o seu menino, partiu com José para um país distante (cf. *Mt* 2, 13-14). Pelo mesmo motivo, permaneceu no meio dos discípulos reunidos em oração à espera do Espírito Santo (cf. *At* 1, 14). Assim, com a presença d’Ela, nasceu uma Igreja jovem, com os seus Apóstolos em saída para fazer nascer um mundo novo (cf. *At* 2, 4-11).

**48.** Aquela jovenzinha é, hoje, a Mãe que vela pelos filhos: por nós, seus filhos, que muitas vezes caminhamos na vida cansados, carentes, mas desejosos que a luz da esperança não se apague. Isto é o que queremos: que a luz da esperança não se apague. A nossa Mãe vê este povo peregrino, povo jovem amado por Ela, que A procura fazendo silêncio no próprio coração, ainda que haja muito barulho, conversas e distrações ao longo do

caminho. Mas, diante dos olhos da Mãe, só há lugar para o silêncio cheio de esperança. E, assim, Maria ilumina de novo a nossa juventude.

### *Jovens santos*

**49.** O coração da Igreja está cheio também de jovens santos, que deram a sua vida por Cristo, muitos deles até ao martírio. Constituem magníficos reflexos de Cristo jovem, que resplandecem para nos estimular e tirar fora da sonolência. O Sínodo salientou que «muitos jovens santos fizeram resplandecer os delineamentos da idade juvenil em toda a sua beleza e foram, no seu tempo, verdadeiros profetas de mudança; o seu exemplo mostra do que os jovens são capazes, quando se abrem ao encontro com Cristo».

**50.** «Através da santidade dos jovens, a Igreja pode renovar o seu ardor espiritual e o seu vigor apostólico. O bálsamo da santidade gerada pela vida boa de muitos jovens pode curar as feridas da Igreja e do mundo, levando-nos àquela plenitude do amor para a qual, desde sempre, estamos chamados: os jovens santos impelem-nos a voltar ao nosso primeiro amor (cf. Ap 2, 4)». Há santos que não conheceram a vida adulta, tendo-nos deixado o testemunho doutra forma de viver a juventude. Recordemos ao menos alguns deles, de diferentes momentos da história, que viveram, cada um à sua maneira, a santidade.

**51.** São Sebastião – no século III – era um jovem capitão da guarda pretoriana. Contam que falava de Cristo por toda a parte e procurava converter os seus companheiros, até quando lhe foi ordenado que renunciasse

à sua fé. Como não aceitou, fizeram cair uma chuva de flechas sobre ele, mas sobreviveu e continuou a anunciar Cristo sem medo. Por fim, açoitaram-no até à morte.

**52.** São Francisco de Assis, ainda muito jovem e cheio de sonhos, ouviu a chamada de Jesus para ser pobre como Ele e restaurar a Igreja com o seu testemunho. A tudo renunciou com alegria e é o santo da fraternidade universal, o irmão de todos, que louvava o Senhor pelas suas criaturas. Morreu em 1226.

**53.** Santa Joana d'Arc nasceu em 1412. Era uma jovem do campo que, apesar da sua jovem idade, lutou para defender a França dos invasores. Incompreendida pelo seu aspeto e a sua forma de viver a fé, morreu na fogueira.

**54.** O Beato André Phû Yên, um jovem vietnamita do século XVII, era catequista e ajudava os missionários. Foi preso por causa da sua fé e, por não querer renunciar a ela, assassinaram-no. Morreu, dizendo «Jesus».

**55.** No mesmo século, Santa Catarina Tekakwitha, jovem leiga nascida na América do Norte, foi perseguida pela sua fé e, na sua fuga, percorreu a pé mais de 300 quilómetros através de espessas florestas. Consagrou-se a Deus e morreu dizendo: «Jesus, eu te amo!»

**56.** São Domingos Sávio oferecia a Maria todos os seus sofrimentos. Quando São João Bosco lhe ensinou que a santidade implica estar sempre alegre, abriu o seu coração a uma alegria contagiosa. Procurava estar

perto dos seus companheiros mais marginalizados e doentes. Morreu em 1857, com a idade de 14 anos, dizendo: «Que maravilha estou eu a ver!»

**57.** Santa Teresa do Menino Jesus nasceu em 1873. Com a idade de 15 anos, superando muitas dificuldades, conseguiu entrar num convento carmelita. Viveu o «caminhito» da confiança total no amor do Senhor, propondo-se alimentar, com a sua oração, o fogo do amor que move a Igreja.

**58.** O Beato Zeferino Namuncurá era um jovem argentino, filho dum importante chefe das populações indígenas. Tornou-se seminarista salesiano, cheio de vontade de voltar à sua tribo para levar Jesus Cristo. Morreu em 1905.

**59.** O Beato Isidoro Bakanja era um leigo do Congo que dava testemunho da sua fé. Foi longamente torturado por ter proposto o cristianismo a outros jovens. Morreu, perdoando ao seu carrasco, em 1909.

**60.** O Beato Pier Jorge Frassati, que morreu em 1925, «era um jovem de uma alegria comunicativa, uma alegria que superava também as muitas dificuldades da sua vida». Dizia querer retribuir o amor de Jesus, que recebia na Comunhão, visitando e ajudando os pobres.

**61.** O Beato Marcelo Callo era um jovem francês, que morreu em 1945. Na Áustria, foi preso num campo de concentração, onde, no meio de duros trabalhos, confortava na fé os seus companheiros de cativo.

**62.** A jovem Beata Clara Badano, que morreu em 1990, «experimentou como o sofrimento pode ser transfigurado pelo amor (...). A chave da sua paz e da sua alegria era a total confiança no Senhor e a aceitação também da doença como expressão misteriosa da sua vontade para o seu bem e para o bem de todos».

**63.** Que eles, juntamente com muitos jovens que, frequentemente no silêncio e anonimato, viveram a fundo o Evangelho, intercedam pela Igreja para que esteja cheia de jovens alegres, corajosos e devotados que ofereçam ao mundo novos testemunhos de santidade.

*Papa Francisco*

## **Frei Bernardo de Vasconcelos, modelo para os jovens**

«Se és jovem em idade, mas te sentes frágil, cansado ou desiludido, pede a Jesus que te renove. Com Ele, não se extingue a esperança. E o mesmo podes fazer, se te sentires imerso nos vícios, em maus hábitos, no egoísmo ou na comodidade morbosa. Cheio de vida, Jesus quer ajudar-te para que valha a pena ser jovem. Assim, não privarás o mundo daquela contribuição que só tu – único e irrepetível, como és – lhe podes dar» (Exortação Apostólica do Papa Francisco aos jovens e a todo o povo de Deus, «Cristo Vive» [CV], 109).

A Arquidiocese de Braga, pela voz do seu pastor, apresenta Frei Bernardo de Vasconcelos como «um modelo, uma referência, particularmente para os jovens». Acrescenta Dom Jorge Ortiga: «A doença grave, com as dores inerentes a estas situações, apresenta-o como testemunho de uma fé provadora, que não só não esmorece com os sofrimentos, mas se robustece para uma alegre entrega da vida ao Criador, mesmo não atingindo o que vivamente desejava: o dom do sacerdócio».

Frei Bernardo (Vaz Lobo) de Vasconcelos nasceu em Celorico de Basto, a 07 de Julho de 1902 e faleceu a 04 de Julho de 1932, a três dias de completar 30 anos. Desde 2016 o seu nome está inscrito entre os «veneráveis» da Igreja Católica: são reconhecidas as suas «virtudes em grau heroico». Esta é uma etapa importante no processo de canonização.

A inquietação pela santidade, explica o Arcebispo Primaz, «levou-o a entrar na Ordem Beneditina, mostrando aos jovens que a vocação

sacerdotal é o caminho a percorrer para uma vida feliz». Em 1926, foi-lhe diagnosticada a doença de Pott, ou tuberculose vertebral. Viveu um calvário de seis anos, enquanto prosseguiu os estudos em Teologia, uma vez que a sua grande aspiração era o sacerdócio.

Frei Bernardo de Vasconcelos escreveu vários artigos e poesias, entre os quais o livro de poemas «Cântico de Amor». A sua obra é, essencialmente, mística e teológica, voltada para a espiritualidade. Que os grupos, sobretudo de jovens, se confrontem com a autenticidade do seu testemunho de entrega a Deus e ao seu Reino.

**Para além do Senhor Arcebispo, D. Jorge Ortiga, colaboraram na redação deste segundo caderno: Pe. João Alberto Correia, Pe. Hermenegildo Faria, Pe. João Aguiar Campos, Pe. Sérgio Torres, Pe. Tiago Freitas e D. Nuno Almeida, Bispo Auxiliar.**

